

dos problemas, de fundamentação honesta, de dúvida metódica, de disciplina crítica, e convidando o leitor a não receber as idéas de maneira mecânica e passiva, mas sim a servir-se de tais idéas para a boa gymnástica do seu próprio intellecto, para bem trabalhar o seu próprio espirito, desenvolvendo em si o amor da crítica, da elucidação mental, da concatenação coerente. Cultura é problemática, confrontação, exame. Pode ser muito útil para a vida prática o simples conhecimento do enunciado de uns tantos teoremas de matemática: porém, não há nisso sombra de valor cultural; só possui de facto valor cultural o perfeito entendimento das demonstrações.

Conhece-se a história dos moinhos de rezas, que costumam empregar-se nas regiões Lamaicas. Em tórno dos eixos dêsses moinhos há numerosas tiras de papel, onde estão escritas as orações; e se dermos à manivela do moinho, é como se rezássemos aquelas preces. O homem que faz uso do moinho-de-rezas crê que êsse mero trabalho mecânico — e por isso facilimo — de dar à manivela do seu moinho, pode substituir o esforço mental de concentrar o pensamento na divindade e no árduo cumprimento da lei de Deus. Maneira facilima de se poder ser santo. Pois bem: os que se abalançam às obras de educação e cultura tendem a cair numa concepção mecanista semelhante

à dos moinhos-de-rezar, substituindo a faina intensamente activa, espiritual, difficil, do trabalho da mente sôbre si própria, que constitui a essência da verdadeira cultura, — pelo acto facilimo de transmitir ao discípulo uns tantos resultados da investigação científica. Maneira facilima de se poder ser culto. São, porém, essencialmente illusórias, as maneiras fáceis de ser culto ou santo. A santidade é uma ascese, e a cultura também. Segundo a errada concepção da cultura, as famas do mestre e do escritor de idéas tornam-se coisas puramente mecânicas: repetir as palavras com que os investigadores verdadeiros vieram a exprimir os seus resultados, sem se dar ao trabalho de realmente os *pensar*.

Do discípulo (ou do leitor) faz-se assim um cesto, que recebe o produto final da máquina (a máquina é o cientista, o filósofo, o crítico); e o pretenso mestre ou escritor de idéas reduz-se por sua vez a uma simples calha, pela qual o produto escorrega e desce, desde a máquina ao cesto.

Ser-se calha é fácil; ser-se cesto, facilimo; porém, tem unicamente valor de cultura a actividade mental criadora e difficil, a que põe à prova as faculdades críticas, a que nos esclarece e ordena. A sabença é uma coisa, e a cultura é outra. Que possa esta revista — vencendo o conceito que entre nós domina — fazer uma obra de cultura autêntica!

A N T Ó N I O S É R G I O